OS GAROTOS INCOMPREENDIDOS: A BUSCA POR UMA AÇÃO PEDAGÓGICA POSSÍVEL

ANDRÉ LUIS RAMALHO FRANCISCO

RESUMO

Este artigo analisa a relação entre os alunos e a instituição escolar, problematizando a perda de sentido presente no cotidiano escolar. Serão destacadas tanto as proposições teóricas de autores centrais nesse debate quanto suas conceituações sobre a prática docente. A partir da análise da obra de cineastas específicos, espera-se contribuir para o entendimento de como a sociedade de maneira geral, e esses realizadores em particular, percebem os termos que configuram essa relação. Destaca-se a ruptura representada pela Nouvelle Vague em relação à estética formal vigente e seu desdobramento no "cinema autoral", além de se buscar um diálogo possível entre a forma que os adolescentes são representados em "Os Incompreendidos" (1959), de François Truffaut, e "Kids" (1995), de Larry Clark, e o papel da escola nesse cenário. Ademais, discute-se o enfrentamento inerente à prática docente e a culpabilização do professor pelo desencanto discente. Aborda-se também a naturalização do fracasso escolar e a busca pelo desenvolvimento integral do aluno diante dos problemas atuais. Por fim, reflete-se sobre o sujeito do processo presente na ação pedagógica e a mediação necessária para a "construção" do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVES: Cinema de autores. Regência escolar. Teoria e prática. Fracasso escolar. Ação pedagógica.

INTRODUÇÃO

A relação entre fazer, ensinar e criticar em diversos momentos se estabelece enquanto uma hierarquia de competências e ações. Essa visão se mostra reducionista quando se observa com mais cuidado, a partir de exemplos presentes na prática social concreta. Entendemos como um exemplo importante a Nouvelle Vague francesa, movimento do cinema capitaneado por alguns realizadores, cujo sentido era enxergar o cinema como uma arte além do chamado Mainstream. Tal cenário representou a materialização da confluência de diferentes aspectos até então vistos como distintos. Posteriormente, outros realizadores estabeleceram movimentos semelhantes, mas com suas especificidades.

A relação dos alunos com a instituição escolar e a consequente perda de sentido para muitos deles foi tema em comum a diversos cineastas. Da contestação dos anos 1960 à apatia hedonista dos anos 1990, todos retrataram uma juventude alheia às promessas representada pela escola.

Para dinamizar o texto, destacamos que os pensadores da educação passaram a ser criticados por defenderem ideias dissociadas da realidade cotidiana da sala de aula. A partir dessa realidade, houve diferentes posicionamentos. François Dubet, optou por voltar à sala de aula para poder vivenciar os entraves presentes na escola francesa vigente. Foucault entende o conhecimento como algo não natural, resultado das batalhas entre instintos que se encontram e se chocam. Perrenoud se deteve sobre o fracasso escolar e suas determinantes. Para Barroso, a escola não está apta para lidar com os problemas atuais.

O insucesso escolar é rotineiramente associado aos professores, desconsidera-se a realidade vivenciada pelos alunos e seu desinteresse por tudo que a escola representa. O enfrentamento se torna inseparável da prática docente e a mediação mais necessária do que nunca. Buscamos refletir sobre os pressupostos da ação pedagógica para o desenvolvimento integral do aluno.

DESENVOLVIMENTO

"Quem sabe faz, quem não sabe fazer ensina, quem não sabe ensinar crítica". O ditado popular representa uma linha de pensamento segundo a qual o ato de ensinar é visto como algo de segundo plano e a crítica como manifestação de pessoas frustradas que, por não conseguirem o brilho próprio, dedicam sua existência a questionar quem o fez. Desse modo, se estabelece uma hierarquia de competências e ações, uma escala de de-

senvolvimento e de contribuição. Ao se fazer uma análise um pouco mais refinada sobre tal questão, vemos que tanto o ato de ensinar, como a crítica sobre determinada forma de expressão artística, é válida, importante e, quando realizada por profissionais qualificados, são formas valiosas de aprender e progredir.

Houve um momento no qual esses três aspectos confluíram de tal maneira que se presenciou uma explosão de ideias, manifestações e criações únicas na história do cinema. Tudo começou quando André Bazin e Jacques Doniel-Volcroize fundaram a revista Cahiers du Cinéma em 1951 para discutir o panorama do cinema mundial em geral e do francês em particular, como forma de arte. Para tanto, seria necessário enxergar para além do "cinema de qualidade" que vigorava na França, algo como o nosso "padrão Globo de qualidade". André Bazin, responsável por algumas das primeiras críticas publicadas, enxergou em Truffaut, Godard, Rivette, Rohmer e Chabrol, o melhor caminho para alcançar tal êxito. Todos jovens cinéfilos frequentadores assíduos da Cinematheque Française. Truffaut assistiu mais de 2.000 filmes antes dos 25 anos.

Os ensaios, manifestos, críticas etc. publicadas por esses jovens rapidamente começaram causar grande impacto no cenário cultural francês. Para além do ato de escrever, eles começaram a esboçar o desejo de se tornarem realizadores, mas sem vínculos com os grandes produtores e/ou distribuidores. Nessa nova realidade, os realizadores possuem total controle sobre suas obras, surgia o "cinema de autores".

A esse movimento deu-se o nome de Nouvelle Vague (Nova Onda) e considera-se como seu marco inicial 1959, com François Truffaut e seu "Os Incompreendidos" (Les Quatrecents Coups). O filme conta a história de um garoto incapaz de se ajustar às duas principais instituições que "deveria" fazer parte: a escola e a família. O expressionismo alemão dos anos 1920 (Murnau, Lang), ou o Neo-Realismo italiano dos anos 1950 (Rossellini, de Sica, Visconti), também foram movimentos importantes que mudaram a maneira como se faz cinema, mas pode-se dizer, que o papel da Nouvelle Vague, e seu eco a partir de então, foram insuperáveis.

No caso brasileiro podemos destacar o chamado "Cinema Novo", sendo seu maior expoente Glauber Rocha. Com seu lema "uma ideia na cabeça e uma câmera na mão", o cineasta realizou em 1964 o filme "Deus e o Diabo na Terra do Sol". Em 1995, ocorreu na Dinamarca o manifesto "Dogma 95" de Lars Von Trier (Os Idiotas) e Thomas Vinterberg (Festa de Família). Embora muito distantes da estética de Truffaut ou do engajamento de Godard, propôs a ruptura com a estética formal vigente, no caso hollywoodiana, ao fazer um "cinema de autores".

Ainda em 1995, Larry Clark realizou Kids. O filme retrata 24 horas na vida de um grupo de adolescentes que, na falta de outra coisa para fazer, se drogam e fazem sexo sem qualquer tipo de preocupação ou compromisso. O autor renega os estereótipos tradicionalmente representados pelo cinema americano em relação aos adolescentes. Os atores têm a idade que representam (é comum atores com mais de 20 anos representarem adolescentes) e as temáticas adolescentes presentes nos anos 1990 são retratadas de maneira direta e crua. A escola ou os estudos não têm importância no cotidiano desses adolescentes. O filme foi bastante criticado por ser alarmista e desnecessariamente explícito, mas também foi dito que Larry Clark realizou o sonho de muitos diretores ao fazer uma obra de ficção que parece documentário.

Truffaut em "Os Incompreendidos", faz duras críticas a um modelo de escola castradora, onde o aluno é obrigado a ser reprodutor de um "certo" tipo de conhecimento, qualquer manifestação em contrário é duramente reprimida e o espaço para exercer a criatividade é nulo. Em casa o menino tem à sua espera um pai/padrasto alienado e uma mãe ambiciosa sem tempo para pensar nas necessidades dele. O jovem se sente asfixiado na escola, abandonado em casa, em uma realidade tão desestimulante que a fuga é a única saída possível. As idas ao cinema são o único momento do filme no qual a família se mostra unida e feliz. Outro momento de liberdade e alegria acontece quando, juntamente com um amigo, falta na escola e fica circulando pela cidade.

Quando o professor solicita a elaboração de uma redação, Antoine se inspira em Balzac para escrevê-la. Na devolutiva, o professor questiona a autoria, pois como um aluno que até então se mostrava desinteressado por tudo, produziu algo tão bem escrito. Definitivamente a escola não era lugar para ele. Quando a escola o questionou sobre sua ausência, ele disse que a mãe havia morrido. A família é chamada para esclarecimentos, comparecem a mãe e o pai. A mãe na realidade já sabia sobre a falta do menino, mas não havia comentado nada, pois a descoberta ocorreu quando estava traindo o marido com outro homem e seu caminho cruzou com o do filho na rua. A preocupação da mãe foi somente quando soube que o filho, para justificar sua falta, alegou que ela havia morrido. Já o pai deu um tapa em Antoine na frente de toda a sala, suprema humilhação.

Posteriormente, ele argumentou com o amigo sobre a única solução possível, era obrigado a fugir de casa. Após passar um tempo escondido na casa do amigo e precisando de dinheiro para poder começar a se virar sozinho, rouba uma máquina de escrever. Sem conseguir vendê-la é preso ao tentar devolvê-la. Em comum acordo entre sua mãe e a polícia é encaminhado a um instituto correcional. Em um ambiente ainda mais coercitivo, foge novamente. Após a fuga corre em direção ao mar, antigo sonho que alimentava realizar.

Esse último plano sequência já foi tema de vários debates sobre qual seria a intenção de Truffaut. Uma interpretação possível é que ao chegar ao mar e dar quatro ou cinco passos, antes de se virar e continuar correndo, o jovem percebeu (?) que sua motivação não era o desejo de conhecer o mar propriamente dito, mas a busca por algo novo, estimulante, que fizesse sentido num mundo em que tudo e todos pareciam conspirar contra ele. Uma pessoa de "meia-idade" entraria em uma crise existencial após perceber que um desejo há muito esperado não provocou a sensação de plenitude almejada, mas um garoto de 12/13 anos optou por seguir em frente, tentando encontrar um pouco de sentido em tudo isso.

A juventude mostrada por Clark em Kids está mais de trinta anos à frente em relação à obra de Truffaut. Nesse sentido, aquele desejo de inquietude, de não conformidade, de questionamento típico dos anos 1960 parece ter se perdido. Se antes, muitos jovens viviam pelo lema "sexo, drogas e rock ´n roll "como forma de contestação, de não seguir cegamente o caminho traçado por seus pais, o filme de Clark mostra jovens, na década de 1990, que tem como principal característica a apatia diante das coisa ao seu redor.

O sexo e as drogas, embora presentes, perdem seu caráter contestatório e convertem-se em meros passatempos. Mesmo diante da AIDS, questão tão urgente naquele momento, com campanhas reiteradamente destacando a importância da prevenção, os jovens simplesmente ignoram esse cenário. Telly, soropositivo sem saber, só se interessa em transar com virgens. O irônico é que um dos argumentos usados por ele para defender tal postura, é o fato de que elas, por serem virgens, são livres de doenças.

O filme possui um certo tom alarmista, quase como se indicasse que a humanidade estava caminhando para a extinção. A sequência em que jovens desacordados são mostrados espalhados pelo chão da casa onde ocorreu uma festa, apresenta um visual um tanto apocalíptico. No início daquele dia, Jennie havia acompanhado uma amiga até um local que faz teste de DSTs, aproveitando que estava lá também faz o teste. Quando recebe o resultado positivo para HIV fica em choque, pois só teve relações uma vez.

Após o diagnóstico, ela passou o dia inteiro tentando encontrar Telly para avisá-lo que ele é soropositivo. Quando chegou no local da festa, ela o encontrou já com outra das suas conquistas. Diante do insucesso da sua jornada e bastante entorpecida devido ao consumo de droga se entrega ao cansaço. Então Casper (Gasparzinho, o fantasminha camarada), mostrado como alguém descolado de qualquer tipo de núcleo familiar, quase como se sua vida não tivesse importância para mais ninguém, aproveita-se do fato de Jennie estar quase desacordada e basicamente a violenta. Essa sequência pode ser interpretada como um círculo se fechando.

A maioria dos jovens do século XXI provavelmente não possuem mais a inquietação ou a ingenuidade dos retratados por Truffaut,

mas a humanidade também não caminhou, ainda, para a beira da extinção como preocupava-se Clark. Ele próprio voltou ao tema em Ken Park (2002), ao retratar jovens também sem grandes ambições, que usam o sexo como válvula de escape. A principal diferença é que há adultos se relacionando com esses jovens, embora sejam relações baseadas na violência ou simplesmente estéreis, mas o tom certamente é menos alarmista.

ESTÁGIO/REGÊNCIA: A BUSCA POR UM ENTENDIMENTO VIÁVEL

Os cursos de Licenciatura têm como etapa obrigatória as horas de estágio em sala de aula. Uma das diretrizes dessa proposta refere-se ao fato dos alunos, durante o estágio, observarem o exercício de regência na escola e, com isso, estabelecerem o ponto de vista enquanto professores e não mais como alunos. O intuito não é uma reprodução da luta de classes, no sentido de os alunos de graduação defenderem sua nova condição, ou quase, de profissionais da educação, mas uma tentativa de se fazer uma nova abordagem ao universo da educação. Cursos de 2ª Licenciatura, por definição, possuem alunos com experiência em sala de aula, mas mesmo em cursos de 1ª graduação é comum essa mesma situação. Entendemos que essa realidade, antes de mais nada, representa as falhas do nosso sistema educacional se realizando.

François Dubet (1997) ao ouvir dos professores sobre as dificuldades vividas no dia a dia docente, e as impossibilidades presentes na busca pelo estabelecimento da relação pedagógica, pensava serem exagerados os relatos. Já para os professores, Dubet era visto como um intelectual com imagens abstratas da realidade. Para contrapor-se a esse argumento ele voltou para a sala de aula, onde esperava poder vivenciar os dilemas da escola francesa contemporânea.

É comum os estagiários durante sua observação em sala de aula identificarem que os alunos de hoje, aparentemente em sua maior parte, não reconhecem os professores como alguém a ser ouvido. Também questionam sua legitimidade em oferecer melhores oportunidades para inserção na sociedade através da educação. É recorrente o argumento de que "isso [a disciplina ou o conteúdo da vez] não serve pra nada". Os professores alegam que há excessiva culpabilidade direcionada à categoria dos profissionais da educação, em comparação às responsabilidades esperada dos alunos. Com a perda de sentido do trabalho pedagógico há o agravamento dos conflitos na sala de aula e a ruptura do cotidiano escolar. Os alunos não estão "naturalmente" dispostos a fazer o papel de aluno, embora não haja necessariamente uma situação de hostilidade ao professor, há resistências.

Nesse cenário é comum se estabelecer duas situações: os alunos apresentam total apatia em relação às atividades propostas ou a sala de aula torna-se uma fábrica de fazer atividades. Como grande parte da energia dispendida é canalizada na tentativa de se conseguir uma ordem possível - jamais a idealizada - se estabelece o reinado do aluno "tarefeiro". Nessa busca pelo estabelecimento da relação de ensino e aprendizagem se estabelece uma situação curiosa, os alunos diversas vezes fazem - durante a aula - a atividade de outra disciplina, com discreta anuência dos professores. Aula de Geografia: tempo para realizar a atividade de Física; aula de Química: tempo para realizar a atividade de História; aula de Biologia: tempo para realizar a atividade de Matemática e assim sucessivamente.

Desse modo, boa parte dos alunos realiza as atividades propostas e o objetivo pretendido (elaboração de atividades) alcança sua realização plena. Entendemos que esse objetivo não contempla o papel de mediação do professor. A relação de ensino e aprendizagem não é tensionada em sua concretude. Uma tarefa é aplicada para em outro momento o aluno executá-la (não se trata de lição de casa).

A "construção" de algum tipo de conhecimento não se faz presente (a intenção não é defender ou negar a pedagogia construtivista). O conhecimento é visto como algo utilitarista, sem a necessidade de se estabelecer outro tipo de relação. Mais uma vez se expressa a ideia segundo a qual o papel do professor é o de facilitador. A mediação necessária para o acesso do aluno a um determinado conhecimento que de outra ma-

neira seria mais complicado obter, não está em questão.
Para Foucault, o conhecimento foi inventado, não está "inscrito na natureza humana", ele entende, com Nietzsche, que o conhecimento tem relação com os instintos, é resultado do jogo destes. Para ele,
É porque os instintos se encontram, se batem e chegam, finalmente, ao término de suas batalhas, a um compromisso, que algo se produz. Este algo é o conhecimento. [...] O conhecimento não é instintivo, é contra-instintivo, assim como ele não é natural, é contra-natural. (FOUCAULT, 2005, p. 16 e 17)

O estágio não é o momento de confirmação de uma hipótese, ou seja, caso a teoria esteja bem fundamentada ela irá com certeza transformar-se em lei. Não há evolução, há simultaneidade. Quando dada problemática, confrontada com as teorias vigentes, apresenta perda de potência explicativa, deve-se buscar outros encaminhamentos. A tarefa que se faz necessária é repensar tais teorias, num primeiro momento abstratamente, depois experimentá-las, reavaliar as primeiras impressões para experimentá-las novamente. Esse exercício é constante e não apresenta mais do que uma aproximação probabilística da "verdade" de dado fenômeno. Da mesma maneira como Dubet (2007) disse que a relação com os alunos necessita constantemente ser reconstruída, a relação do teórico com suas teorias também deve ter tal pressuposto.
Segundo Perrenoud (1999), o fracasso escolar é visto como consequência das dificuldades de aprendizagem e como a expressão de uma falta "objetiva" de conhecimentos e de competência. Visão que "naturaliza" o fracasso, impossibilita a compreensão de que ele "resulta de formas e de normas de excelência instituídas pela escola, cuja execução local revela algumas arbitrariedades". A definição do nível de exigência, a partir do qual separa-se aqueles que têm êxito daqueles que não os têm, é um dos muitos momentos que a escola não faz sentido para os alunos.

PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM ENFRENTAMENTO POSSÍVEL

Muito se discute sobre a diminuição do estatuto social do professor, com sua identidade profissional esmaecida, sua legitimidade institucional questionada e seus métodos de ensino desprestigiado. Para Barroso (2004), a escola burocratizada e baseada na corporação docente é incapaz de solucionar os problemas atuais. Pensar em algum tipo de reforma também será insuficiente sem considerar a noção de pertencimento dos alunos e dos professores em todas suas dimensões. Trata-se de uma etapa essencial para se alterar esse estado de coisas.
No Brasil, a escola pública elitista (excludente) deu lugar a uma escola de massas, a escola de certezas passou para uma escola de promessas de mobilidade social e igualdade (não cumpridas). Se, ao professor de 20 ou 30 anos atrás, era possível saber para o que preparar o aluno, hoje, talvez, a única certeza é para o que não se deve prepará-lo. Acrescente-se a isso um novo elemento, a "Inteligência Artificial" e seu desdobramento lógico, o esmaecimento do conhecimento técnico.
De maneira geral, o desencanto com a escola recai sobre os docentes, após sucessivos fracassos na busca por reformas cujo sentido é a busca pela educabilidade das crianças. Há (explícita ou implicitamente) a responsabilização dos professores pelo estado de coisas que a escola se tornou. Tanto que é comum nos discursos sobre alternativas para melhorar a educação, a necessidade de melhor formação e atualização dos professores. Inclusive ganha força o discurso de que tal ação só será possível a partir da privatização da educação pública, defendendo-se até a "militarização".
Desconsidera-se o fato de que os alunos não dizem mais "sim senhor" aos professores ou a sociedade de maneira geral. Como a autoridade em si perde força, a solução encontrada por muitos educadores para combater a falta de autoridade é o autoritarismo. Uma gestão eficiente em sala de aula demanda, juntamente com a disciplina adotada, a demonstração de interesse pelos alunos, de modo a possibilitar o estabelecimento de uma relação afetuosa sem deixar de ser disciplinada.
A atuação docente deve-se basear em quatro pilares: a casa, a escola, o rigor e a afei-

ção. Não é obrigação do professor saber o que se passa com os alunos fora da escola, mas considerar o contexto da comunidade na qual a escola está inserida apresenta-se como uma ferramenta importante. O aluno visto como um potencial delinquente, pode representar mais um tijolo no conjunto de barreiras erguido que pode, às vezes, contribuir para transformá-lo em um.

Os professores não podem ser responsabilizados por todos os males da sociedade, mas - muitas vezes - a sala de aula é o que de mais estável e confiável há na vida desses alunos. Não se trata aqui de transformar o professor numa espécie de herói, isentando o poder público de suas responsabilidades. Muitos gestores do sistema de ensino se comportam como síndicos presos aos regulamentos, ou seja, aplicam as normas e vão embora, crentes de terem feito "apenas" seu trabalho. Para poderem realizar seu trabalho, os professores cotidianamente se veem na posição inglória de ser aquele que se contrapõe à escola, à família, à comunidade etc. durante esse percurso. Não por ser o senhor da razão, mas por ter "aceitado" o papel de se responsabilizar pela formação (mais do que alfabetização) de crianças e adolescentes, com todos os obstáculos inerentes a esse caminho.

Apesar de todo o trabalho dos professores, na tentativa de estabelecer um diálogo possível com os alunos, e, assim, almejar maior sucesso na relação de ensino e aprendizagem, o resultado é sempre "relativo", diante de todos os enfrentamentos que essa busca tem que lidar. A sala de aula é um conjunto bastante heterogêneo de alunos que não respondem igualmente às mesmas intervenções, não somente por desinteresse, mas por serem pessoas vivendo momentos diferentes no processo de amadurecimento. Nesse sentido, no dia a dia da sala de aula, há certo grau de frustração que a docência tem que lidar.

Após dois meses de aula, Dubet (2007) adotou uma atitude classificada por ele como um "Golpe de Estado". Decidiu adotar medidas restritivas e punitivas em relação ao comportamento dos alunos. Após um período inicial de conflitos, essa prática se mostrou eficiente para a manutenção de uma ordem possível, viabilizando inclusive o estabelecimento de relações afetuosas com os alunos. Essa crise transmitiu a sensação de segurança aos alunos, estabelecida a partir da adoção de regras. Embora tal fato não ocorra de maneira consciente, foi possível perceber que os alunos respondem a essa lógica. Quando a disciplina adotada, alia-se a demonstração de interesse dos professores pelos alunos, possibilita-se a adoção de uma relação afetuosa sem deixar de ser disciplinada. No entanto, essa relação escolar é a priori desregulada e precisa constantemente ser reconstruída, a docência, por conseguinte, torna-se cansativa.

Quando a pedagogia teorizada não se mostra possível na sala de aula e a necessidade da construção de uma "outra" pedagogia se apresenta como fundante da relação estabelecida, deve-se repensar os conceitos e as categorias dessa teoria. Não se trata de defender argumentos como "na prática a teoria é outra", mas o princípio científico por definição, segundo o qual há a necessidade constante de autocrítica. Uma teoria sustenta seu valor quando experimentada. Os alunos não se mostram, a priori, contrários à experimentações, mas descrentes do real interesse dos professores em executá-las.

A experimentação não pode ser vista como o momento de confirmação de uma hipótese, ou seja, caso a teoria esteja bem fundamentada ela irá transformar-se em lei. Não há evolução, há simultaneidade. Quando dada problemática, confrontada com as teorias vigentes, apresenta perda de potência explicativa, deve-se buscar outros encaminhamentos. A tarefa que se faz necessária é repensar tais teorias, num primeiro momento abstratamente, depois experimentá-las, reavaliar as primeiras impressões para experimentá-las novamente. Esse exercício é constante e não apresenta mais do que uma aproximação probabilística da "verdade" de dado fenômeno. Em consonância com Dubet (2007), assim como a relação com os alunos necessita constantemente ser reconstruída, a relação do teórico com suas teorias também deve basear-se em tal pressuposto. O "Golpe de Estado" não foi um fracasso pedagógico a priori, mas o momento segundo o qual a pedagogia idealizada se mostrou in-

suficiente.
Segundo Perrenoud (1999), o fracasso escolar é visto como consequência das dificuldades de aprendizagem e como a expressão de uma falta "objetiva" de conhecimentos e de competência. Visão que "naturaliza" o fracasso, impossibilita a compreensão de que ele “resulta de formas e de normas de excelência instituídas pela escola, cuja execução local revela algumas arbitrariedades”. Para os alunos, a definição do nível de exigência, a partir do qual separa-se aqueles que têm êxito daqueles que não têm, é um dos muitos momentos que a escola não faz sentido.
O baixo desempenho dos alunos nas várias avaliações aplicadas não representam somente o nível alcançado, mas o desinteresse por tais práticas. O argumento de que “vai valer nota”, para parte dos alunos não tem significado, pois ao final do ano, devido a progressão continuada – negada pelo Estado, mas vivenciada no dia a dia – haverá a promoção para o ano seguinte. Esse momento é representativo da impotência dos professores perante um sistema educacional que impõe medidas punitivas e restritivas, ao fim e ao cabo, inócuas. Para Barroso (2004), a escola burocratizada e baseada na corporação docente é incapaz de solucionar os problemas atuais. Pensar em algum tipo de reforma também é insuficiente, pois somente a partir da noção de pertencimento em todas suas dimensões, por parte dos alunos e dos professores, será possível alterar esse estado de coisas.
Na tentativa de conversar com os alunos nos termos que eles se expressam, os professores buscam constantemente atualizar seu vocabulário para “se fazer entender”. No entanto, essa postura pedagógica importante também representa um risco. No filme de Cantet (2008), há a revolta dos alunos devido a maneira através da qual o professor se expressou. Tal situação gera um enorme inconformismo no docente, pois os alunos o tempo todo se ofendem sem maiores traumas. Quando o professor fala nos “termos” dos alunos é veementemente repreendido pelos mesmos.
A atitude do professor foi um erro de julgamento, pois foi explicitado pelos alunos que independente da relação que se estabeleça com os diferentes professores, é uma relação entre alunos e professores e não entre iguais. Os próprios alunos que questionavam o professor por usar palavras que não faziam parte da realidade vivenciada por eles no dia a dia, o interpelam quando ele se expressa de maneira “vulgar”. Quando um professor “perde a linha” é motivo de orgulho para o aluno que conseguiu tal feito. Estabelecer o diálogo a partir de palavras que façam sentido para os alunos é uma prerrogativa pedagógica, mas é preciso sempre ter em mente que não se trata de uma relação entre iguais, não no sentido hierárquico, mas de posicionamento em relação ao papel da educação formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação pedagógica deve ser baseada em alguns pressupostos, entre eles: o aluno aprende a partir de uma perspectiva pessoal, isto é, ele é o sujeito desse processo, cujo sentido visa o protagonismo dos estudantes. O ensino, por sua vez, é uma construção pedagógica protagonizada pelo professor. Embora sejam relacionados, são processos distintos. Cabe ao professor entender que a aprendizagem não ocorre de maneira automatizada, a partir da relação entre estímulos e respostas, portanto, se faz necessário ajustar cada ação à realidade da turma. Ouvi-los e dar devolutivas às suas demandas, propicia um maior engajamento dos alunos. Face às novas variáveis impostas pela tecnologia, não é mais possível - ainda que se queira - enxergar os alunos como assimiladores passíveis diante do conhecimento do professor. Eles simplesmente não aceitam essa postura docente. O professor, a despeito de inclinações pessoais, deve lidar com essa realidade e buscar inserir o aluno nesse cenário. Essa inserção não será de maneira hierarquizada, mas mediada. Para muitos alunos, a questão central não é a metodologia envolvida em si, mas o fato de não ver sentido na escola. O resultado final não justifica o percurso. Diante de tal cenário é imperativo buscar formas de engajá-los. Desse modo, é preciso pensar ações pedagógicas que busquem o protagonismo do estudante, possibilitando estabelecer relações para a construção do conhecimento através de

soluções que não estão previamente dadas. O desenvolvimento integral dos alunos pressupõe a articulação entre suas necessidades individuais e os objetivos pedagógicos. O planejamento não pode ser rígido, precisa estar aberto à adaptações. Com isso, teremos um currículo "vivo", no qual, entre outras coisas, considera-se que o território educativo vai além dos muros da escola. Para isso, as saídas pedagógicas têm papel fundamental para que os alunos se apropriem desse território. O conhecimento não se reduz à reprodução da realidade, mas emerge de um processo dinâmico de criação, significação e ressignificação. Não há ensino se não resultou em aprendizado. O processo de construção do saber se realiza quando o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser.

É essencial elaborar atividades que estejam alinhadas às possibilidades de resolução dos alunos, permitindo-lhes formular hipóteses e mobilizar seus conhecimentos prévios. Ao incentivar a discussão e a argumentação, a atividade torna-se mais envolvente e desafiadora. Com um debate produtivo, os alunos sentem-se encorajados a arriscar-se na antecipação de resultados, estabelecendo parcerias e buscando validar coletivamente as soluções propostas.

Nossa intenção não foi descartar a produção intelectual de determinados autores, substituindo-a por outra escola de pensamento. Entendemos que determinada realidade social se refere à diferentes mediações sociais produtoras de significados, ressignificados a partir de sua prática. A docência é um fragmento da totalidade social, portanto há uma diferença entre ela e sua idealização.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ruben. Sobre Jequitibás e Eucaliptos – amar. In: ALVES, Ruben. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo: Acs Poética, 1995

BARROSO, João. Os professores e os novos modos de regulação da escola pública: das mudanças do contexto de trabalho às mudanças da formação. In: BARBOSA, Raquel, L. L. Trajetórias e perspectivas da formação de educadores. São Paulo: UNESP, 2007.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Revista Brasileira de Educação, nº 5-6, maio-dez/1997, 222-231.

FOUCAULT, M. Conferência I. In: A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

PERRENOUD, Philippe. Não mexa na minha avaliação! Uma abordagem sistêmica da mudança. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999, p.145-160.